
Ensino de História antiga com a interface da egiptomania na sala de aula: um relato de experiência

| **Damião Amiti Fagundes**
SEDU/FAFIA-ES

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de fazer um relato de experiência sobre práticas em sala de aula abordando tema da História Antiga, em especial sobre o Antigo Egito. Utiliza-se dois métodos de pesquisa, sendo uma revisão de literatura baseada em obras e artigos de autores que pesquisam sobre o Antigo Egito e sobre o ensino de História Antiga, como Funari (2008), Gralha (2010), Bakos (2001), Cardoso (1988), dentre outros; e o método do relato de experiência a partir de uma oficina de Artes com 30 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Antônio Carneiro Ribeiro”, Guaçuí, região Sul do Caparaó Capixaba, Estado do Espírito Santo. O estudo com a egiptomania em sala de aula é uma prática exitosa para abordar o conteúdo sobre o Antigo Egito, de forma que se desperta os alunos para uma visão contextualizada do período que está sendo estudado. Conclui-se que a experiência possui uma grande relevância, uma vez que essa temática é contemplada, inclusive, pela Base Nacional Comum Curricular e na Proposta do Currículo Básico Comum do Estado do Espírito Santo para o trabalho com os anos finais do Ensino Fundamental II.

Palavras-chave: Ensino de História, Antigo Egito, Antiguidade.



■ INTRODUÇÃO

Trabalhar o conteúdo de História Antiga em sala de aula já é algo tradicional para os estudos historiográficos, desde os estudos arqueológicos do início do Século XIX, o estudo da História Antiga foi incorporado nos manuais didáticos.

O estudo sobre a Antiguidade é tema obrigatório para iniciar o processo de ensino de História dos educandos na Educação Básica e por isto faz parte do cotidiano de professores de História.

No Brasil, as pesquisas sobre a História Antiga, ganhou fôlego com a renovação da historiografia onde foram incorporados estudos de gênero, cotidiano e mentalidade no campo de estudos da História.

Assim, estudar História Antiga hoje é muito mais do que decorar datas e fatos ocorridos há mais de dois mil anos.

Pensando nesta ótica, o mote deste artigo é fazer uma abordagem de um recorte temático da História Antiga, tendo como enfoque a Egiptomania na prática em sala de aula, fazendo uma interface com a História da Arte.

É possível pensar como o estudo de acontecimentos históricos do Antigo Egito ainda desperta no aluno o gosto pela aprendizagem histórica de um fenômeno que acontece no mundo todo.

Optou-se pelo método de estudo misto, envolvendo a revisão de literatura e o relato de experiência, por meio de um estudo de natureza qualitativa, como preconiza Barros (2005), procurando enfatizar a relevância das fontes históricas produzidas a partir de uma oficina realizada em uma escola de Ensino Fundamental da região Sul do Caparaó capixaba, mais precisamente no município de Guaçuí, Estado do Espírito Santo.

Em um mundo marcado pelo processo de globalização e afirmação do processo do capitalismo mundial, o estudo da egiptomania cada vez mais ganha adeptos em todos os confins do mundo. E o professor de História em sala de aula, tem uma relação bem direta com a transposição do conhecimento acadêmico, ao mesmo tempo que com sua prática, pode realizar muitos trabalhos exitosos colocando seus educandos como autores do processo de aprendizagem sobre a História.

Por outro lado, a escolha desse tema se justifica pela relevância de demonstrar que o estudo da História Antiga ainda é capaz de despertar interesse nos alunos quando o professor procura relacionar o conteúdo com um enfoque voltado para a realidade dos educandos, despertando neles o interesse pelos temas propostos.

Segundo os historiadores, a curiosidade pelo mundo egípcio perpassa por vários povos do passando desde os cretenses até os povos babilônicos. Porque não alcançaria os nossos jovens hoje?





A maneira de despertar esse interesse é que precisa ser articulada de acordo com a realidade atual, e é a isto que a experiência relatada no presente estudo se propôs.

No Brasil, por exemplo, sabe-se que o imperador Dom Pedro II era um admirador e colecionador de tudo o que se relacionava ao Antigo Egito, só isto já é motivação o suficiente para explorar mais sobre esse período da História e as formas de tornar relevante o estudo para os educandos.

■ RELATO DE EXPERIÊNCIA

ATIVIDADES DE EGITMOMANIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

A experiência foi realizada por meio de uma oficina denominada Mistérios do Egito, com 4 aulas, com 30 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Antônio Carneiro Ribeiro”, situada na rede urbana com uma clientela bastante diversificada, na cidade de Guaçuí, região Sul do Caparaó Capixaba, Espírito Santo.

A seguir serão apresentadas algumas das atividades realizadas na disciplina de Artes, com uma abordagem interdisciplinar com História da Arte e outras disciplinas, além de uma discussão com as orientações de autores sobre o ensino do tema Egito Antigo e as diretrizes curriculares.

Organização da Oficina de pintura

A atividade visou despertar a socialização e as habilidades artísticas dos alunos juntamente com o interesse pelo contexto histórico, a partir do tema: A religiosidade no Antigo Egito. Foi disponibilizado para uso na oficina: tintas guache, pincéis, placas de isopor, papelão, TNT's, dentre outros materiais de desenho e pintura como mostra a Figura 1:

Figura 1. Alunos em um momento da oficina temática.



Fonte: Acervo e redes sociais da escola.





Contextualizando a religiosidade no Antigo Egito

Além de despertar os educandos para as técnicas de cores e movimentos na arte pictórica, foi previamente selecionado no panteão dos deuses egípcios da antiguidade, um levantamento das práticas de rituais e cultos de cada divindade do Antigo Egito.

O professor também sugeriu que os alunos realizassem uma pesquisa para o aprofundamento sobre as práticas de culto e ao mesmo tempo para que conhecessem as características da arte que irão representar por meio de uma pintura.

Conforme Gralha (2009), não há um consenso sobre os povos egípcios serem mono-teístas ou politeístas, pois existem diversas formas de compreender a cosmologia do mundo religioso do Antigo Egito. Usando as palavras do pesquisador, fez-se uma reflexão sobre o conceito de politeísmo que foi aplicado na abordagem da oficina:

De certa forma, o politeísmo (do grego poly=muitos e theoi= deusas) visto como crença em uma única e universal divindade; e o panteísmo por si só, não respondiam a todas as questões relativas às práticas religiosas egípcias. Era preciso um conceito(ou conceitos), uma terminologia(ou terminologias), que pudessem ocupar o espaço deixado pela visão conceitual binária, politizada- ou Um ou Muitos deuses- do conhecimento ocidental. Assimsendo, no início do século XIX tornou-se possível verificar o fortalecimento do conceito de henoteísmo que parece se desenvolver como termo explicativo aplicado ao estudo da egiptologia(GRALHA, 2009, p.222).

Com base nas pesquisas realizadas pelos alunos o professor enfatizou os conceitos fundamentais da religiosidade do Antigo Egito incentivando os alunos a relacionarem como essas visões se relacionam com a história da religiosidade do mundo ocidental, e nos dias atuais.

O aluno é colocado como o centro do processo de aprendizagem, ele busca e traz o conhecimento que é compartilhado, discutido, debatido em sala de aula, enquanto o professor intermedeia esse processo, fornecendo subsídios para a busca, explicando questões que são trazidas pelos alunos e complementando, quando necessário com pontos importantes que devem ser explorados sobre a Antiguidade.

Compreendidos os aspectos contextuais e conceituais do tema proposto, os alunos foram convidados à escolherem a divindade egípcias que iriam representar na pintura, a partir de tudo o que tiveram acesso e conhecimento. A figura 2 mostra os alunos já trabalhando na pintura:



Figura 2. Momento de pintura das divindades egípcias.



Fonte: Acervo e redes sociais da escola.

Ao analisar a iconografia religiosa do Antigo Egito junto com os alunos o professor esclarece que tudo que conhecemos da antiguidade egípcia é fruto de pesquisas arqueológicas, que ainda há, inclusive, muitas questões para serem respondidas sobre o modo de vida e a religiosidade daqueles povos.

A historiadora francesa Desplancques (2013) aponta que também podemos estudar a história milenar do Egito a partir da constituição de seu Império:

O final do Segundo Período Intermediário abre-se para o Novo Império, que é o único período da história egípcia em que o Egito conhece a constituição de um império. Em todos os domínios, a massa da documentação aumenta e torna-se muitas vezes superabundante. O Novo Império é uma época em que os soberanos se exprimem amplamente sobre os matizes que sua política adquire no âmbito de seus respectivos reinados. De fato, desde Amósis, reunificador do Egito e fundador do Novo Império, os reis tiveram o cuidado de informar bastante explicitamente sobre seus principais feitos e posturas. Os egiptólogos escreveram bastante sobre o Novo Império, mas muitas questões ainda são hoje objeto de vivos debates. Assim, a data em que a rainha Hatchepsut iniciou seu reinado, a localização de Punt e a questão eventual de uma corregência entre Amenhotep III e Amenhotep IV são algumas das questões cujas respostas permanecem abertas no momento atual (DESPLANCQUES, 2013, p.40).

Segundo a citada autora, é difícil avaliar o real impacto do Egito sobre a cultura de povos estrangeiros que assimilaram parte de suas práticas. A cristianização do Império Romano, a partir do século V, fez com que tudo o que era característico da cultura egípcia fosse se tornando incompreensível.



Porém, os textos gregos e latinos conseguiram perpetuar a história desse povo. Para a autora, a transmissão do conhecimento do Egito precisa ser distinguida das informações que são transmitidas hoje por meio da história egípcia contemporânea.

Desplancques (2013) lembra que a obra de Heródoto, que visitou o Egito no ano 450 a.C., é uma fonte essencial de informações. Ele é considerado “o pai da História”, contudo, algumas passagens narradas no livro nem sempre parecem exatas.

Há trechos inteiros da história faraônica que ainda não conhecemos e que talvez nunca chegaremos a compreender em profundidade. Embora muitos museus do mundo conservem magníficas peças que testemunham a história da civilização egípcia, as fontes são pouco numerosas. Essa penúria impede às vezes que se possa propor uma imagem contínua da história egípcia para todas as épocas da sua evolução (DESPLANCQUES, 2013, p.65).

As informações que foram passadas para o aluno, dentro desse contexto, contribuem para que eles busquem e pesquisem mais sobre o tema, caso se interessem, utilizando-se da facilidade de acesso que a internet hoje permite.

A figura 3 mostra a iconografia realizada pelos alunos representando o Faraó:

Figura 3. Iconografia feita pelos alunos representando o Faraó.



Fonte: Acervo e redes sociais da escola.

Ao longo da observação na oficina de egiptomania foi possível compreender que a História Antiga é um conteúdo que, se bem explorado nas aulas, pode contribuir para o desenvolvimento dos educandos pela estética artística e o conhecimento sobre a história de um povo que até os dias atuais ainda encanta com suas peculiaridades.

O resultado da experiência corrobora com a afirmação de Barros (2013, p. 60), que afirma sobre a possibilidade de se pensar a simultaneidade de vozes na produção da





História. Nas palavras do autor: “há pelo menos duas maneiras de compreender que “a História é polifônica”.

A experiência vivenciada com os alunos em sala de aula demonstra exatamente a forma polifônica de abordar um tema de História.

É possível, de um lado, reconhecer que cada voz social tem o direito de contar a sua história, isto é, de expor em linguagem historiográfica o seu ponto de vista. Haveria uma história a ser narrada por cada grupo.

No conjunto de trabalhos produzidos, é possível chegar a uma razoável “polifonia de histórias da História”. Mas existe ainda outra possibilidade, a de indagar se seria possível, a um mesmo historiador, ao escrever um mesmo trabalho, ter sucesso em expor a História sob diversos pontos de vista.

Expondo a História do Antigo Egito sob os diferentes pontos de vistas na prática da oficina de Arte com os alunos, foi possível permitir que eles buscassem e concretizassem o conhecimento daquele período histórico de forma crítica.

O envolvimento dos alunos e o resultado das pinturas mostraram que a abordagem com diferentes vozes e a interdisciplinaridade fez com que os alunos se colocassem no papel de pesquisadores e buscadores de conhecimento, encantando-os com as características de um povo que vivia há mais de dois mil anos.

■ DISCUSSÃO

Pensar os estudos da Antiguidade é refletir em um campo histórico que por alguns anos era considerado pela história tradicional, dito positivista, como um amontoado de datas sem relação direta com a vida dos educandos. Decorar nomes de reis e rainhas fazia parte do cotidiano das aulas de História.

Conforme refletia Febvre (1989, p. 19): O historiador não poderia escolher os fatos. Escolher? Com que direito? Em nome de que princípio? Escolher, a própria negação da obra científica (...). Mas toda história é escolha”.

A abordagem na experiência relatada neste estudo mostrou que é possível fazer escolhas sobre a forma como a História Antiga pode ser absorvida pelos alunos na atualidade, de uma forma menos mecanizada, decorada, mas a partir de uma contextualização mais ampla, mais crítica e mais aberta onde o aluno se envolve verdadeiramente com o objeto de estudo, podendo refletir sobre ele, construir sobre ele o seu conhecimento crítico.

Apesar de se falar sobre novas formas de se pensar a História como algo recente, na verdade as mudanças não são tão recentes assim, elas aconteceram a partir da Escola dos Annales, por volta de 1929, que ampliou os estudos sobre a Antiguidade nos manuais didáticos e nas universidades, redirecionando assim a formação do professor de História.





Desde então várias abordagens passaram a ser estudadas, novas pesquisas realizadas, colocando os estudos da Antiguidade em evidência, explorando mais seus aspectos como sexualidade, vestuários, mobiliários, ritos funerários, poesias amorosas, dentre outros temas característicos daquele período histórico.

No Brasil, como narra Funari (2008), evidencia-se a importância da História Antiga pelas pesquisas universitárias brasileiras sobre a antiguidade que se multiplicaram significativamente desde o processo de democratização do país, há pouco mais de vinte anos. Considerando que a História tem mais de dois mil anos, é um tempo relativamente curto, que permite considerar recentes essas transformações.

Funari (2008) explica que além da ampliação de pesquisas sobre o período, ampliaram-se também os objetos dessas pesquisas, os paradigmas interpretativos, e de forma não menos importante, o universo social dos historiadores do mundo antigo.

O caráter aristocrático da História, e da História Antiga, em particular, foi superado pela inclusão de estudiosos não oriundos das elites, cuja formação intelectual e acadêmica não era de berço, mas aprendida, tanto no Brasil como, de maneira crescente, também em muitos outros países. “Os paradigmas interpretativos tradicionais, que enfatizam a homogeneização social e o respeito às normas, foram, de forma crescente, contrapostos às visões multifacetadas e atentas a conflitos”(FUNARI, 2008, p.06).

Bakos (2001) também comunga com as ideias de contribuição da renovação dos paradigmas sobre os estudos da Antiguidade, enfatizando temas como o do Antigo Egito, que fez parte da experiência neste estudo.

Segundo a autora, esse tema foi renovado a partir da nova maneira de ver a História Antiga:

O Antigo Egito é conhecido como um celeiro da antiguidade desde o início do período dinástico pelo desenvolvimento no vale do Nilo, que impulsionou a produção agrícola organizada que alimenta a população e fornece excedentes para exportação. As chuvas são raras e a água necessária para a vida provém das cheias anuais do Nilo, entre junho e outubro ao cobrir e fertilizar as terras com a aluvião. Permitem, ainda, no decorrer do ano, a irrigação regular das áreas cultivadas, mediante a administração das águas depositadas em canais preparados para isso (BAKOS, 2001, p.243).

No Brasil, teóricos sobre o Antigo Egito, como o professor doutor da Universidade Federal Fluminense, Ciro Flamarion S. Cardoso dedicou-se a pensar sobre novas maneiras de contribuir para a renovação dos estudos da antiguidade, dando destaque ao Egito Faraônico como um dos seus objetos de pesquisa. Em sua obra clássica sobre o Antigo Egito, ele afirma o seguinte:

O povoamento do Egito é questão das mais discutidas. Há algumas décadas,





a teoria mais corrente a respeito ligava-o à formação da ecologia atual do norte da África. Isto porque, durante milênios, o atual deserto do Saara foi região de savanas, habitada por caçadores, pescadores e posteriormente por criadores de gado e agricultores. A medida, porém, que se foi dando o progressivo ressecamento climático responsável pela formação do grande deserto, sendo o Nilo um curso de água perene - por não depender das escassas chuvas egípcias, e sim de fenômenos atmosféricos que se dão bem mais ao sul, na região dos grandes lagos africanos e da Abissínia -, o seu vale foi atraindo cada vez mais saarianos “brancos”, do grupo linguístico chamado hamita, aos quais se misturaram semitas ou protosemitas vindos da Ásia Ocidental pelo istmo do Sinai ou atravessando o Mar Vermelho, e negróides que desceram o vale do Nilo no sentido sul-norte. Alguns autores, apoiados em argumentos principalmente arqueológicos, afirmavam ter ocorrido também uma migração ou conquista proveniente da Baixa Mesopotâmia, por volta de 3300 - 3100 (CARDOSO, 1988, p.04).

Nas abordagens de contextualização sobre a religiosidade a ser representada pelos alunos através da pintura das divindades egípcias foi possível elucidar para os alunos o período do Egito Faraônico, desde o seu povoamento, até os mistérios que envolvem a religiosidade daquele povo que sempre aguçou o imaginário do mundo ocidental.

Um olhar moderno para aquela história antiga como se fez dar na experiência com os alunos estimulando-os a pesquisarem sobre o tema, para depois representá-lo artisticamente, corrobora com o pensamento de Gralha (2010). Segundo ele, só é possível compreender o Antigo Egito através de estudos arqueológicos da modernidade.

A moderna pesquisa sobre o Egito tem início com o Iluminismo e com as expedições imperialistas ao Oriente Médio, em particular com a viagem do Imperador francês Napoleão (1769-1821) ao Egito, entre 1798 e 1801. A obra que inaugura essa moderna egiptologia é a Descrição do Egito, cujos volumes saíram entre 1809 e 1829 e hoje pode ser consultada na internet, no original em francês (GRALHA, 2010, p.15).

E, se não bastasse, a escola vive um processo de adaptação atualmente, com as novas diretrizes curriculares da Base Nacional Comum Curricular, a qual preconiza que os estudos da antiguidade do Egito, elencado na Habilidade da disciplina de História para os anos finais do Ensino Fundamental II, com o seguinte objetivo: “EF06HI07 - Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades” (BRASIL, 2017, p.422).

Nesta perspectiva o ensino dos povos do Nordeste da África deve ser articulado com estudos de outros povos do Oriente Médio. A BNCC (BRASIL, 2017) manteve os estudos da Antiguidade nos manuais didáticos, sendo um dos temas estudados no componente curricular em todo o Brasil, o Currículo Básico Comum (ESPÍRITO SANTO, 2009) também contempla o estudo do tema.



Portanto, a civilização egípcia deve ser abordada sobre vários ângulos dependendo do enfoque que o professor quiser trabalhar com a sala de aula. É possível pensar em múltiplas abordagens e maneiras de levar os educandos a perceberem o processo histórico da Antiguidade como parte da cultura material, conhecendo e se envolvendo com a história de vários povos antigos.

No caso deste estudo, a experiência mostrou uma abordagem interdisciplinar da egiptomania através da Arte e da História da Arte para o estudo do Egito Faraônico.

■ CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da observação com a experiência da oficina na escola, parece que o tema sobre a Antiguidade com seus vários enfoques e campos de abordagens não se esgota apenas em um projeto realizado em um trimestre ou bimestre na escola. É um processo de encantar e despertar os educandos para uma busca de conhecimentos que são infinitos.

Nesse cenário, o professor, como agente transformador da realidade, é capaz de fazer uma ponte entre o conhecimento produzido ao longo do processo histórico e em seu enfoque com um tema de interesse atual dos alunos como a pintura proposta na oficina sobre a religiosidade no Egito Antigo.

Um ponto relevante que a experiência mostra, é que o professor de História tem um papel fundamental na mediação do conhecimento sobre a Antiguidade, uma vez que traz em sua formação muitos conhecimentos acerca da temporalidade distante da realidade atual, para poder contextualizar com os educandos.

■ REFERÊNCIAS

1. BAKOS, Margaret Marchiori. **O Egito Antigo em busca milenar pelo raro**. Revista Phônix, 7 (1), 2001. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/33279/18707>>. Acesso em: 25 mar. 2021.
2. BARROS, José D'Assunção **A expansão da História**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
3. BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
4. CARDOSO, Ciro Flamarion S. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
5. DESPLANCQUES, Sophie. **Egito Antigo**. Porto Alegre: L& PM Pocket Ency Clopamia, 2010.
6. ESPÍRITO SANTO: **Currículo Básico Comum: área de Ciências Humanas**, Vitória: SEDU, 2009.
7. FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.





8. FUNARI, Pedro Paulo A. (org.). **História Antiga**: contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.
9. GRALHA, Júlio. **Concepções religiosas do Egito Antigo**: a difícil tarefa dos conceitos. In: VIEIRA, Ana Livia Bonfim (org.) *História antiga e Medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedades e imaginários*. São Luis: Editora UEMA, 2009.
10. GRALHA, Júlio; FUNARI, Raquel dos Santos. **O Egito Antigo**. In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto (org.). *História e Conhecimento: Antiguidade Oriental e Clássica: economia sociedade e cultura*. 2010. Disponível em: <file:///D:/Documentos/Documents /Historia%20antiga/O_Egito_Antigo.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

